

Clube do livro: diálogo e interação de leitura no ambiente escolar

Elizabeth Barros de Sousa Lima¹

Maxçuny Alves Neves da Silva²

Resumo: No primeiro semestre de 2019 foi construído o Clube do livro na escola CEMEIT³. Esse clube surgiu na tentativa da criação do apreço pela leitura em alunos que, perante uma prática pedagógica pouco estimulante, careciam de um incentivo para enxergarem a leitura como um ato tanto de prazer como de construção de suas alteridades. Reconhecendo as problemáticas que envolvem a mediação do ensino, bem como elas interferem na aquisição da perspectiva da formação crítica do pensamento do leitor-aluno, percebemos que esse processo vem de uma formação cultural que estimula a separação entre as classes tanto por meio das experiências vivenciadas pelos estudantes, quanto pelo reforço das separações ideológicas por certos professores. Portanto, o projeto se propôs à oferta de leituras variadas, estimulando o pensamento crítico, o reconhecimento das variadas alteridades, bem como a competência linguística nos atos comunicacional e de expressão, respeitando o capital cultural de cada sujeito do processo de aprendizagem. Logo, nos apropriamos dos conceitos de capital cultural, de Pierre Bourdieu, educação bancária e libertadora, de Paulo Freire, para tensionarmos a importância de uma prática pedagógica que enxergue o estudante como protagonista de sua formação.

Palavras-chave: Clube do livro. Educação libertadora. Capital cultural.

Book club: dialogue and reading interaction in the school environment

Abstract: In the first semester of 2019 was created the Book Club at the High School industrial of Taguatinga (CEMEIT). This club emerged in an attempt to create in students the appreciation for Reading, who face a less stimulating pedagogical practice that didn't incentive the reading as an act of pleasure and the construction of their otherness. Knowing that the problems involves the mediation of teaching as well as they interfere in the formation of the critical perspective of the reader-student. We realize that this process comes from a cultural formation that stimulates the separation between the social classes through students' experiences and the reaffirmation of ideological separations by certain teachers. Therefore the project proposed to offer varied readings, stimulating critical thinking, the recognition of varied alterities, as well as linguistic competence in communicational and expression acts, respecting the cultural capital of each subject of the learning process. Thereby we use Pierre Bourdieu's concepts of cultural capital, Paulo Freire's critics of the education system like a bank and the theory of education as the practice of freedom, in order to stress the importance of a pedagogical practice that sees the student as the protagonist of his formation.

¹ Doutora e mestra em Literatura e Práticas sociais pela Universidade de Brasília. Graduada em Letras Português (Bacharela e Licenciada) da Universidade de Brasília Pesquisadora dos grupos de pesquisa Literatura e Cultura e Textualidades Contemporâneas: processos de hibridização, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL). Realizou duas pesquisas de Iniciação Científica: "A Representação do Negro na Dramaturgia Brasileira" e "O Ético e o Estético nos Contos de Lima Barreto". Atuou como professora tutora das disciplinas de literatura Leitura e Literatura, Impasses na Construção do Personagem Brasileiro, Introdução à Teoria Literária, Clássicos Universais e Historiografia Literária no âmbito dos cursos de Letras Português a Distância da Universidade de Brasília - UAB/UnB. E-mail: elizabeth.bs001@gmail.com.

² Doutora e mestra em Literatura pela Universidade de Brasília. Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade de Brasília (1995). Atualmente é professora da Secretaria de Estado de Educação do DF. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura portuguesa, língua portuguesa, ensino médio, ensino superior, apoio literário e didático e produção de livro didático. Desenvolve pesquisa que investiga o papel da poesia na ressignificação de experiências junto a mulheres vítimas de violência. E-mail: maxcuny@gmail.com.

³ Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga.

Keywords: Book Club; Paulo Freire; cultural capital.

Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento.

Paulo Freire

1. EDUCAÇÃO: CONSTRUÇÃO OU REFORMA?

Existem fatos que evidenciam e marcam a formação de um professor. Começamos nossa discussão relatando um acontecimento vivenciado por uma das escritoras deste artigo durante sua formação docente. Durante o estágio obrigatório em uma escola pública de um bairro nobre do Distrito Federal, e que era frequentada por estudantes das cidades da periferia, a professora da turma a qual ela acompanhava passou um exercício do livro didático para os alunos como tarefa para casa. Em resposta a uma questão que questionava o porquê e os efeitos do uso das proparoxítonas na canção “Construção” do autor Chico Buarque, um aluno oferece resposta diferenciada à proposta pelo material de ensino, o aluno comparou em sua resposta os sons da construção e os ecos produzidos pelos espaços vazios com a sonoridade das palavras proparoxítonas. Mesmo que a resposta do estudante trouxesse informações relevantes, mas diferentes daquelas do livro didático, a educadora desconsiderou a carga de conhecimentos provindas do estudante, destacando a posição autoritária do manual escrito, e, por extensão, rejeitando as experiências sociais/culturais dos educandos no processo de ensino-aprendizagem. Diante do exposto, e relatando que o conhecimento oferecido pelo estudante foi gerado por seu convívio com a música em ambiente diferente do escolar, voltamos nosso olhar para pensar a formação acadêmica do professor atrelado à questão do capital cultural e da formação de nosso país. Para Gilda Olinto do Valle Silva (1995),

Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. (p. 01)

Em vista disso, é necessário frisar que o Brasil, país gerado sob o sistema de classes, sempre utilizou mecanismos para manter os privilégios de certas esferas da sociedade em detrimento de outras, como cor e origem. O ensino foi mais uma dessas ferramentas, que “desprivilegiava” a carga de conhecimentos dos estudantes, restabelecendo, assim, a manutenção de certo intelecto provindo do professor. A educação, com seu viés bancário, como aponta Paulo Freire, considerou por longo tempo e ainda considera, em muitos estabelecimentos de ensino, o aluno como uma tábua rasa, ou seja, desprovido de conhecimentos que possam contribuir para sua formação. Visto o exposto, a escritora Clarice Cohn argumenta que o estudo da criança está articulado a critérios voltados à análise de adultos. Por sua vez, na perspectiva da autora, há um contínuo no processo de formação dessa criança, o que impossibilita o mesmo olhar para ambos, e, portanto, uma falha no processo de análise desse estudante. Não está distante do que estamos tentando salientar aqui, pois a construção escolar se articula à vida cultural, especialmente para que o educando veja finalidade no estudo. Quando o professor escolhe o ponto de vista do agente do conhecimento e silencia as experiências do aluno, a educação beira o autoritarismo, e o indivíduo se minora perante o outro, e esse é um dos principais pressupostos da formação das classes sociais, que ainda beiram o colonialismo de pensamento. Bourdieu (1999, p. 79) argumenta que:

A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico.

Na perspectiva do autor, o capital cultural está articulado aos mecanismos de poder, ou seja, os conhecimentos que o sujeito adquire ao longo da vivência, que não pressupõe especificamente o contato escolar. Nesse sentido, as classes dominantes possuem, devido aos privilégios adquiridos, acesso a um certo tipo de cultura que foi legitimada como superior, e que as classes mais pobres não têm acesso com a mesma facilidade. Portanto, quando alguém aparece com uma forma de expressão diferenciada, ela é deslegitimada, para que esse sujeito se mantenha na condição de dominado. Da mesma forma, o professor carrega o privilégio do diploma, o que lhe assegura o domínio do conhecimento no processo de ensino que pode levá-lo a uma soberba intelectual expressa pela arrogância do autoritarismo na sala de aula.

Os pressupostos giram, portanto, em torno da articulação entre os capitais culturais e econômicos, pois a cultura é resultado do acesso de determinados sujeitos aos espaços considerados de arte privilegiada, o que desconsidera a carga simbólica da cultura produzida por pessoas de poderes econômicos mais baixas, das periferias, das sociedades sertanejas. Não por acaso, é frequente a descrença em músicas como o Rap e o Funk, e legitimada a Música Popular Brasileira. Dessa forma, quando um habitante da periferia apresenta um repertório cultural não esperado pela elite, procura-se dizer que está errado, para que essas pessoas não se coloquem no lugar de pertencentes a um conhecimento não apropriada a sua classe, e reafirmar a clivagem entre as esferas sociais.

O Bourdieu nos fala que ao longo da formação cultural, as sociedades construíram dispositivos de poder para manutenção de privilégios das classes abastadas em detrimento das classes mais baixas. Esse ato chega às escolas como uma violência simbólica, visto que há uma imposição de fala de que o estudante não possui conhecimento, todo o saber se restringe à fala do mestre, conhecedor de tudo, que se apresenta naquela ocasião dotado do privilégio do saber e derrama sobre os alunos a larga experiência acadêmica e educadora que possui. Por sua vez, somos obrigados a voltar a Cohn para pensar as relações de apropriação de conhecimento, bem como estabelecer relações entre a cultura dominante e a dominada, a formação da constelação das classes, a reafirmação, por parte do educador, das ideologias propagadas desde a formação do país, e assim rastreamos uma educação que necessita de inovações, visto estar constantemente reafirmando o *status quo*. Temos ciência de que ela já existe, como será exemplificado aqui, também temos conhecimento de vários trabalhos que estão sendo realizados pelo país, mas enfatizamos o tamanho de nossa nação, e sabemos de suas falhas, apontamos que todos esses trabalhos em prol do fim da educação bancária ainda é muito restrita, e não por acaso estamos aqui a reafirmar a importância de uma formação que considere o aluno como parte do seu processo de formação. Existe uma multiplicidade de linguagens sobre o mundo, o inacabamento do processo formativo das sociedades reafirma o inacabamento do homem enquanto integrante de uma cultura plural em constante formação, como nos lembra Mikhail Bakhtin ao dissertar sobre o inacabamento do homem social.

O indivíduo está inacabado, mas a própria noção de inacabamento implica em uma construção inicial a qual necessita de constante reforma. O acabamento só ocorre após a morte, ou seja, por toda a vida o homem traz sua construção adquirida ao longo de suas vivências e a cada nova vivência ele se molda, de reforma, ou faz parte de seu “acabamento”.

2 DAS VIVÊNCIAS À VIDA

Um exemplo de contraste entre experiências de leitura na escola pública pode ser percebido no relato de experiência das autoras do presente artigo:

Relato 1 - A leitura esteve presente em minha vida desde a mais tenra infância, pois logo compreendi o prazer que aquela atividade despertava em mim, embora não tivesse acesso a obras literárias e nem incentivo por parte dos professores no Ensino Fundamental. Já no Ensino Médio, em plena Ditadura, nós (os alunos e alguns professores, incluindo os de História e Português) nos reuníamos clandestinamente (fora do ambiente escolar) para ouvir Chico Buarque e discutir obras como *Feliz ano velho* e *Eles não usam Black Tie*, como um ato de grande subversão. Foi assim que tive contato com o meu primeiro Clube do Livro, embora não tivesse esse nome naquele tempo, um lugar em que todos tinham direito a voz e ninguém se colocava como superior a ninguém. Aquele grupo de alunos ciosos pelo conhecimento, não esperava pelo conhecimento que poderia vir dos professores, mas trazia suas próprias experiências pessoais para as discussões. As reuniões ocorriam periodicamente em torno de um violão e de alguns livros e o objetivo primordial era trocar experiências, cantar e se divertir.

Relato 2- Com um lápis e um caderno nas mãos se constrói o enredo de uma vida. Também construímos futuros, rasuramos identidades. Talvez esse seja o limiar da vida da maioria das crianças: ir à escola, copiar os exercícios do quadro, descrever as atividades que serão realizadas no ambiente do lar. Esse também foi um pouco daquilo que me constituiu, que fez minha história de estudante. A atividade mecânica, que é representativa de variados espaços de ensino, levava à nostalgia, à falta de interesse devido à impossibilidade de acessar outros modelos de ensino. O livro que tive acesso durante meus anos de ensino básico foi apenas o manual de cada uma das disciplinas (livro didático) que constituíam o currículo, a literatura era desprezada, legando todos os espaços das aulas de língua portuguesa ao ensino da gramática.

Nos dois relatos temos duas situações distintas, uma ocorrida em meados dos anos de 1980 e outra ao final da primeira década dos anos 2000. Embora distantes cronologicamente, fica perceptível que ambas não têm acesso à leitura e nem são incentivadas a isso pela família e/ou pela escola que acaba por privilegiar um currículo, às vezes, distante da realidade dos alunos. O exemplo que abre o presente artigo demonstra ainda como, às vezes, o professor despreza o capital cultural adquirido e apresentado pelos alunos em sala de aula. Na maioria dos comentários dos professores na sala de aula, fica visível que o “bom aluno” é aquele

que fica calado e “absorve todo o conhecimento” que ele tem para passar, como na educação bancária descrita anteriormente. Isso inibe a constituição identitária do indivíduo, fazendo com que ele acredite, na maioria das vezes, na condição de desprivilégio como inerente à sua vida.

No entanto os alunos têm muito a contribuir, conforme observado anteriormente, pois o capital cultural adquirido por cada um fortalece a construção do conhecimento e fortifica o diálogo. A leitura congrega pessoas, une mundos distintos e revela afinidades. Foi pensando nisso e na experiência de uma das autoras do presente artigo na adolescência que surgiu a proposta da formação do Clube do Livro no CEMEIT, cuja dinâmica visava à interação e troca de saberes por meio da interação grupal. Nesse Clube todos têm vez e voz. Os livros são indicados pelos próprios membros que votam qual será escolhido, depois escolhem uma data e se reúnem para compartilhar saberes, vivências e leituras, demonstrando que a relação de sofrimento que muitos estudantes enfrentam perante a leitura de uma obra literária pode se tornar um gesto de prazer e interação, pois as culturas são voláteis, elas se tocam e o mundo desses educandos, mesmo que estejam situados em esferas sociais diversificadas, compartilham dos desejos de suas idades.

A primeira experiência do Clube foi com o livro Clara dos Anjos, do escritor Lima Barreto, livro que foi indicado também pela escola como leitura obrigatória para os alunos do terceiro ano. A intenção era propiciar meios para que os alunos pudessem desenvolver melhor suas potencialidades na produção das atividades propostas a partir da obra. Mas o encontro se revelou bem mais proveitoso que parecia, pois temas importantes para diversas outras disciplinas, como a relação que a obra estabelece com a história do contexto ao qual foi produzida, foi trabalhado naquele encontro, além de escolher o livro que seria lido para o próximo encontro, o que ocorria a cada encontro. Dessa forma, ao final do semestre os membros do Clube do Livro do CEMEIT estavam lendo o seu sexto livro. As obras literárias utilizadas foram: Clara dos Anjos - Lima Barreto; Da Terra à Lua - Júlio Verne (HQ); Percy Jackson - Rick Riordan; Jogos Vorazes - Suzanne Collins; Intermittências da Morte - José Saramago; Romeu e Julieta - Shakespeare.

Dentre os membros do Clube encontram-se alunos, professores, educadores sociais e servidores que se reúnem em pé de igualdade, na certeza de que todos têm a contribuir e todos têm a aprender. O corpo discente foi formado por alunos que já são leitores regulares e alguns que nunca tinham lido nenhum livro antes de entrar para o Clube, mas que agora já exibem exultantes sua lista de seis livros em aproximadamente quatro meses de encontros, salientando,

dessa forma, que o prazer da leitura carece apenas de um estímulo que respeite a capacidade de produção do conhecimento por parte do aluno, bem como sua alteridade, especialmente aquelas provindas da prática cultural. Não se pode esquecer que, como salienta Zumthor, “literatura é uma das manifestações culturais da existência do homem”, e acrescentamos, é a forma de o homem expressar seus sentimentos sobre o mundo, portanto, a prática da leitura deve estar também vinculada ao sentimento da recepção, da interação entre a cultura representada na obra artística com aquela de cada produtor.

Em linhas gerais, as leituras obrigatórias são uma prática condenável para grande parte dos teóricos, mas é um mal necessário. Interessa lembrar que os teóricos que condenam a leitura obrigatória nada fazem no sentido de eliminar a cobrança por parte da academia de que ele mesmo faz parte, gerando um ciclo cujo discurso se distancia cada vez mais da prática. Os alunos do Ensino Médio recebem editais dos concursos de ingresso às Universidades contendo listas de livros cujas leituras serão cobradas, são obras consideradas clássicas pelo cânone em sua maioria. Para dar conta do acesso dos estudantes às universidades, geralmente as escolas se baseiam nessas listas para organizar seus planejamentos, a fim de que seus alunos estejam preparados para essas provas. Ao longo dos anos, nossas práticas docentes trilharam caminhos pela busca de uma leitura mais prazerosa desses livros "obrigatórios". Além de perseguir o objetivo de tornar tais leituras mais socioprodutivas e adequadas ao cotidiano dos alunos, assim, há muitas tentativas na busca por caminhos que tornem o obrigatório menos tortuoso.

É prudente salientar que a leitura dos clássicos é necessário não apenas por causa das já mencionadas listas das Universidades, mas para propiciar o acesso a obras que a maioria provavelmente não leria por iniciativa própria. Ítalo Calvino, em seu livro *Porque ler os Clássicos*, nos apresenta algumas “propostas de definição” para os Clássicos que podem funcionar como motivos pelos quais esses livros devem ser incluídos nas listas das Universidades. Dentre esses motivos vale destacar aqui alguns tópicos:

6. Um clássico é um livro que nunca termina de dizer aquilo que tinha para dizer.

(...)

7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram...

8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe.

9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.

(CALVINO, 2007, p. 11-17)

Portanto, essa leitura deve permear outros tipos de obras, permitindo o acesso dos alunos da escola pública a um conhecimento que, muitas vezes, ele não acessa em suas vivências diárias, posto que “...os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos...” (CALVINO, 2007, p.17) nesse percurso histórico em que estamos inseridos. Para além dessa questão, a obrigatoriedade também passa por outros fatores, uma vez que é importante que o aluno tenha acesso a obras representativas dos momentos literários que estão estudando, pois a teoria fica mais patente se concretamente exemplificada.

Entretanto, é necessário reconhecer que essas listas não simbolizam o mundo desse aprendiz, nem sempre congregam seus ideais de vida, havendo um choque de interesses, certa ausência de reconhecimento entre leitor e obra, o que cria amarras para uma leitura mais prazerosa. Paul Zumthor nos lembra que o processo de fruição de uma obra parte de uma leitura que incomoda o leitor, que o leve a repensar sua própria trajetória, permitindo, assim, uma ressignificação desse sujeito. Portanto, age como um ato de comunicação.

Ademais, quando a forma de aproveitamento dessas leituras em sala de aula é feita pelas tradicionais fichas literárias, por provas ou seminários pouco orientados, a obra parece fazer ainda menos sentido para a vida do aluno. Quando essas obras não comunicam, afasta seu leitor do papel, o transfere a outros espaços de desalento, fazendo-o procurar outros meios de comunicação. Posto isso, salientamos a importância da leitura de fruição, de acolhimento das angústias cotidianas do estudante, que lhe permite uma aproximação e também a possibilidade de se sentir parte do enredo encenado na obra. Assim, se constrói mundos, pontos de vistas vão traçando arestas, o que contribui para a construção da singularidade do sujeito. Não podemos deixar de salientar que a arte é ideológica.

Assim, a criação do Clube do Livro abre outras possibilidades e propostas de leitura, agindo mesmo no sentido do protagonismo estudantil, pois o professor é tão membro do Clube quanto o aluno e o direito de voto na escolha das obras e das datas dos encontros possui peso igual. Com uma forma democrática de participação, o aluno se sente valorizado e sua voz parece ecoar mais longe e ter mais valor que no cotidiano da sala de aula. Um dos fatores que levam ao protagonismo está resumido nas palavras de Roland Barthes, quando o escritor francês argumenta sobre a autonomia da obra de arte. Para ele, a obra, após escrita, se torna um objeto neutro, e sua escritura se consolidará na leitura de cada sujeito, trazendo, portanto, para a teoria da recepção, a constituição da obra por meio do arcabouço cultural de cada leitor. Logo, o leitor se torna o escritor de cada história que lê, articulando sua visão de mundo ao mundo

representado na obra. Assim se narra um pouco da história da leitura, daquela que procuramos construir quando montamos o Clube, na liberdade e na responsabilidade ética de promoção do conhecimento por meio do respeito às alteridades em cena.

Assim, a proposta do Clube do Livro incluía as leituras obrigatórias dando ferramentas para o desenvolvimento das atividades propostas a partir da obra em sala de aula, mas ia além, propiciando a leitura de fruição, lembrando que a participação no Clube é optativa e livre de qualquer tipo de amarra ou prisão. Ademais, o projeto também inclui obras de interesse dos próprios alunos, o que valoriza a capacidade de argumentação oral, pois cada obra apresentada como proposta de leitura deve vir acompanhada de argumentação oral em defesa de sua escolha para passar por votação, a saber: a cada encontro podem ser apresentadas novas obras cujos nomes são colocados em uma caixa de onde são escolhidas duas por sorteio, as obras sorteadas devem ser defendidas por argumentação oral das pessoas que os apresentaram como proposta de leitura as quais passam por votação do grupo, a obra mais votada será lida para o próximo encontro. Dessa forma o aluno desenvolve a argumentação oral e ainda percebe o valor do respeito pelas escolhas democráticas, além, é claro, de ter acesso a obras variadas que pertencem ao universo de jovens como eles.

O primeiro encontro do grupo ocorreu no primeiro bimestre do ano de 2019, para a discussão da obra Clara dos Anjos de Lima Barreto, uma das leituras obrigatórias da escola para o terceiro ano. Na discussão do livro, os alunos levantaram problemas sociais abordados na obra do início do Século XX e que ainda rondam a sociedade contemporânea, como a desigualdade social, o preconceito racial, a construção social da masculinidade e da feminilidade, além de observar questões históricas relevantes na obra. Observamos, no encontro, que os alunos queriam falar e ser ouvidos, que o protagonismo naquela atividade possuía um valor simbólico de poder e de valorização de seu capital cultural adquirido. Os temas abordados no encontro foram também trabalhados nas avaliações em sala de aula, e como resultado, esses estudantes que participaram do encontro obtiveram melhor desempenho na atividade avaliativa do que aqueles que não participaram, provando a importância da atividade na formação integral do aluno. A partir desse resultado positivo, o Clube se fortaleceu e o grupo aumentou.

O segundo livro foi Da terra à lua, uma HQ inspirada na obra de Júlio Verne, que teve o mesmo percurso da obra anterior, mas se observou um maior engajamento dos leitores. Muitos participantes pesquisaram a respeito da obra e até assistiram ao filme "A Viagem à Lua"

(*Le Voyage dans la Lune*), de 1902, dirigido por um dos pioneiros do cinema, o grande diretor francês **Georges Méliès (1861-1838)**. Por conseguinte, eles pediram que o Cineclube que a escola já tem exibisse o filme e promovesse o diálogo comparativo. Nesse momento, a construção do conhecimento ganhou um novo *status*, pois articulou o trabalho com mais de uma arte, gerando discussões tanto das diferenças midiáticas, quando do modo que o texto literário abordou, por exemplo, a posição da mulher, e o HQ representou essa mulher com uma perspectiva diferente, mais transformadora, afinal a obra é uma produção mais recente que buscou refletir os anseios da sociedade atual. Dessa forma foi possível levantar questões a respeito do papel da mulher na sociedade ao longo dos anos.

Por sua vez, é importante ressaltar que as leituras do Clube do Livro também estavam integradas à moda do tempo, às leituras que normalmente esses jovens já realizam. Dessa forma o Clube prosseguiu com as leituras de Percy Jackson - O ladrão de raios, de Rick Riordan. A partir da leitura do primeiro volume da saga, os estudantes se motivaram a ler os outros volumes da obra e assistir aos filmes, além de despertar o interesse de alguns alunos pelos clássicos da mitologia grega. Da mesma forma, Jogos Vorazes de Suzanne Collins promoveu grandes discussões e a busca por novas leituras semelhantes, além da leitura dos demais volumes da obra e a busca pelos filmes, lembrando que todas obras eram atualizadas e discutidas na perspectiva da realidade atual, articulando o arcabouço cultural do estudante com os elementos que a obra oferecia para pensar o agora.

O último encontro foi sobre a obra *Intermitências da Morte*, de José Saramago (leitura obrigatória da escola) e foi o encontro que contou com a maior frequência desde a criação do Clube. Depois da experiência dos livros anteriores, bem como dos debates que foram desenvolvidos, e que sempre trouxeram discussões calorosas para o entendimento das obras, o romance de Saramago, por sua perspectiva política, mas, ao mesmo tempo, irônica, chamou a atenção dos alunos, que procuraram no outro possíveis respostas para as polêmicas geradas na obra. Frente a esse livro, percebemos o processo dialógico que se instalou ao longo do projeto. Em nenhum momento o professor se portou como o sujeito do conhecimento em prol de um grupo de alunos que recebia o saber de forma silenciosa e passiva; as vozes se chocavam, as experiências de cada aluno contribuíam para a formação de conhecimento em torno da obra, e assim podemos salientar que, de certa forma, o objetivo trilhado pelo Clube se concretizou, pois o capital simbólico de cada educando foi respeitado em suas diferenças. O semestre terminou com os alunos indicando a leitura do livro *Romeu e Julieta* de Shakespeare para o próximo

encontro. Dessa forma os alunos foram construindo o conhecimento a partir de suas vivências e se perceberam como agentes do processo ensino-aprendizagem. Por isso mesmo, esse é um tipo de ensino que parte das vivências e promove mudanças significativas para a vida.

3 DOS MUROS AO MUNDO: A RESPOSTA-AÇÃO À PRÁTICA LIBERTADORA DO ENSINO

“Enquanto a prática ‘bancária’, por tudo o que dela dissemos, enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista que estejam tendo os homens de sua situação, a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la.” (FREIRE, p. 76)

As palavras de Freire, que nunca foram tão necessárias, nos retornam às discussões desenvolvidas nas primeiras partes. Falar de educação bancária em nossos tempos deveria ser o registro de um passado, mas esta discussão apenas comprova que ainda não alcançamos um ensino libertador, uma educação que trabalha respeitando as alteridades, portanto, em consonância com as vivências de cada estudante. Mas o Clube do livro surge como uma resposta, como uma possibilidade e como um exemplo, pois ao mesmo tempo que questiona a forma de ensino tradicional, que em muitas ocasiões os alunos não têm acesso aos livros, ela também vem em prol desses estudantes, possibilita a eles o acesso a mundos diversos, à construção de experiências por meio do conhecimento de outras realidades, portanto, dialoga com o mundo.

Ademais, e de fundamental importância, é a possibilidade de ofertar exemplos para que outros professores, para que outras unidades de ensino se apropriem dessa experiência em suas práticas de ensino, uma educação como construção inacabada do sujeito em constante interação com o outro e com o mundo. Ver o mundo pelo olhar do outro foi a fórmula gerada para a manutenção de poder das elites sobre as classes em opressão, gerando, de certa forma, a desumanização por meio da alienação. Por outro lado, se ainda permanecermos em estado o qual a educação se desenvolva desconsiderando o educando, continuaremos com uma sociedade aliciada pela classe dominante, se sentindo vazia de conhecimento, e recebendo as sujeições das elites no silêncio.

Platão, na Alegoria da Caverna, já discutia a alienação humana e a necessidade do conhecimento para retirar a fenda de um povo e levá-los a enxergar além da realidade ofertada

pela ideologia dominante. Entendemos aqui o conhecimento ofertado pelo livro literário como um meio de interpretação de diversas realidades, pois reconhecemos que os alunos expostos à experiência do Clube do livro melhoraram sensivelmente suas capacidades de compreensão e expressão oral, interpretação e produção textual, análise crítica do contexto social o qual estavam envolvidos, sem esquecermos os aspectos de amorosidade na relação entre sujeitos, posto que aprenderam a respeitar as diferentes perspectivas dos colegas, dentro de cada vivência, das aprendizagens que traziam de casa, ou seja, o capital cultural de cada sujeito. O Clube do livro é um projeto que vai dos muros ao mundo, pois implica na proposta de um projeto que extrapola os muros da escola em via dupla, trazendo o mundo do aluno para dentro dos muros da escola e ainda possibilita que a experiência vivida dentro dos muros da escola transforme vidas e gerem novas experiências e projetos para a transformação do mundo lá fora. Em vista disso, o projeto cumpre um grande papel, pois também possibilita que essas experiências extrapolem os muros da escola e, caso algum desses alunos no futuro sigam os caminhos da educação, eles também podem multiplicar esse saber.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. **Ensaio crítico**. Portugal: edições 70 – Brasil, 2009, p. 157.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação** / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição.

_____. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Yt2

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

PLATÃO. **Alegoria da caverna**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém, EDUFPA, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz & Terra. São Paulo, 1996.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Cosac Naify, 2014.